

**FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA**

Autorização: Portaria MEC nº 234 de 13/03/1998

Reconhecimento: Portaria MEC nº 698 de 26/05/2000

Renovação do reconhecimento: Portaria MEC nº 757 de 03/09/2007

ALINE DA SILVA PASSOS

ANA KAROLINA CHAGAS MERCIER

ROSILANE LACERDA DE PINHO CARDOSO

**O DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA POR
MEIO DA PSICOMOTRICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

**Aracruz
2017**

**ALINE DA SILVA PASSOS
ANA KAROLINA CHAGAS MERCIER
ROSILANE LACERDA DE PINHO CARDOSO**

**O DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA POR
MEIO DA PSICOMOTRICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
às Faculdades Integradas de Aracruz, como
parte dos requisitos exigidos para a obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Msc. Marta Regina Rossoni

**Aracruz
2017**

**ALINE DA SILVA PASSOS
ANA KAROLINA CHAGAS MERCIER
ROSILANE LACERDA DE PINHO CARDOSO**

**O DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA POR
MEIO DA PSICOMOTRICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz,
como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Licenciatura em Pe-
dagogia.

Aprovado em 13 de julho de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA



**Prof. Msc. Marta Regina Rossoni
Faculdades Integradas de Aracruz
Orientador**



**Prof. Msc. Viviane Reis
Faculdades Integradas de Aracruz
Avaliador**

DEDICATÓRIA

A Deus por ter nos dado saúde e força para superar nossas dificuldades.

À nossa orientadora Msc. Marta Regina Rossoni, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos nossos pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de nossa formação, o nosso muito obrigada.

“O professor deve ser como um jardineiro, providenciar as melhores condições externas para que as plantas sigam seu desenvolvimento natural. Afinal, a semente traz em si o projeto da árvore toda.” (PESTALOZZI).

RESUMO

O trabalho objetiva discutir algumas considerações sobre a importância da Psicomotricidade no desenvolvimento de crianças com o Transtorno Espectro de Autista (TEA), como também o desenvolvimento motor e intelectual da criança destacando como o movimento pode trazer evoluções significativas. Aborda o histórico da psicomotricidade infantil, o conceito do autismo e a base legal que assegura o trabalho na escola. Os resultados foram obtidos a partir da pesquisa bibliográfica de autores como Wallon, Piaget, entre outros. Resulta-se que a partir da psicomotricidade, a criança constrói seu esquema corporal, que irá trabalhar para propiciar a tomada de consciência da pessoa autista. Com isso, será possível um maior controle dos atos motores e a coordenação gestual do cotidiano, o que facilitará uma melhor relação com o meio em que vive e as pessoas que a cercam. Acredita-se em um maior desenvolvimento dessas crianças quando possibilitada a sua interação, a partir da expressão do corpo.

Palavras-chave: Autismo; Psicomotricidade; Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article aims to address some considerations about the importance of Psychomotricity in the development of children with Autistic Spectrum Disorder (ASD), as well as the motor and intellectual development of the child, highlighting how the movement can bring significant evolutions. It addresses the history of childhood psychomotricity, the concept of autism, and the legal basis for ensures work in school. He obtained the results from the bibliographic research in authors with Wallon, Piaget among others. It turns out that from the psychomotricity the child constructs its corporal scheme, that will work to propitiate the awareness of the autistic person. With this, it will be possible to have a greater control of the motor acts and the gestural coordination of the daily life, which will facilitate a better relation with the environment in which it lives and the people that surround. It believes in a greater development of these children when it is possible their interaction from of the expression of the body.

Keywords: Autism; Psychomotricity; Development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 AUTISMO: ASPECTOS LEGAIS, TEÓRICOS E CONCEITUAIS	15
2.1 HISTÓRICO DO AUTISMO.....	17
2.2 HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE	19
2.3 CONCEITOS DE PSICOMOTRICIDADE.....	20
3 PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5 REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Segundo autores que discutem sobre o desenvolvimento da aprendizagem, o corpo e a mente são realmente indissociáveis. A psicomotricidade é uma ciência que envolve o desenvolvimento integrado de habilidades motoras associadas aos aspectos emocionais e cognitivos, com a finalidade de trabalhar as expressões coordenadas dos movimentos do indivíduo durante uma atividade e que trabalha corpo e mente integralmente.

A partir dessa ideia, este trabalho objetiva discutir o desenvolvimento do autista por meio da psicomotricidade enfatizando as habilidades motoras que possivelmente serão estimuladas, conceituando a Psicomotricidade e Autismo, mostrando como se relacionam, descrevendo as características da criança autista para entender a melhor forma de seu desenvolvimento psicomotor.

Segundo Dupré (1909), “Psicomotricidade significa a relação entre o pensamento e a ação, envolvendo a emoção”, ou seja, é considerada a ciência que estuda o homem por meio de seu corpo em movimento, em relação ao seu mundo interno e externo, funcionando como eixo de sustentação da vida social e psico-afetiva do sujeito (JOBIM, ASSIS, 2008). Pensando no desenvolvimento de uma criança autista e partindo do conceito de Dupré (1909) que afirma que pensamento e ação são interligados, como seria então o desenvolvimento de um indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA), visto que sua principal dificuldade é o relacionamento com o meio e a sociedade.

A psicomotricidade em crianças autistas pode ser uma estratégia muito interessante para se abordar, pois seu direcionamento vem ao encontro das necessidades destas, as quais têm características evidentes de desestruturação sensorial, motora, na linguagem e na capacidade de perceber ambientes sociais, e correlacionar com a linguagem verbal ou não-verbal.

Desse modo, neste trabalho, a escolha da metodologia foi a partir de estudos bibliográficos de autores como: Henri Wallon, que relaciona tônus muscular com os estados afetivos e emocionais do sujeito; Julian de Ajuriaguerra, que afirma que a criança é seu corpo, ela se desenvolve tendo a consciência sobre ele e Bouché, que afirma que psicomotricidade se dá através de ações educativas de movimentos espontâneos e atitudes corporais da criança, proporcionando-lhe uma imagem do corpo contribuindo para a formação de sua personalidade (JOBIM, ASSIS, 2008).

A criança autista caracteriza-se por dificuldades significativas na comunicação e na interação social, além de alterações de comportamento, expressas principalmente na repetição de movimentos, como balançar o corpo, rodar uma caneta, apegar-se a objetos ou enfileirá-los de maneira estereotipada. Todas essas alterações costumam aparecer antes mesmo dos 3 anos de idade, em sua maioria, em crianças do sexo masculino (NADAL,2011).

O controle dos movimentos do autista depende de noção espacial, sensibilidade, interação com o meio e com o outro, sendo exatamente a capacidade de integrar estes elementos que define a eficácia de uma ação organizada e também a expressão de um desejo positivo ou negativo durante a interação com os demais a sua volta (NADAL, 2011).

2 AUTISMO: ASPECTOS LEGAIS, TEÓRICOS E CONCEITUAIS

O Transtorno Espectro de Autista - TEA é cada vez mais comum em nossa atualidade e muitos de nós não sabemos como lidar com este desafio. O autismo possui tratamento, por isso é preciso que saibamos intervir da melhor forma para oferecer uma boa qualidade de vida a essas pessoas.

Sobre a psicomotricidade, pode-se notar a grande importância do movimento para o desenvolvimento da criança com o Transtorno Espectro de Autista (TEA), gerando avanços significativos e positivos, pois é por meio da psicomotricidade que a criança descobrirá seu corpo, seu espaço, assim como perceberá estímulos por meio dos seus sentidos e sensações, o que resultará na construção de seu próprio mundo por meio das relações afetivas e emocionais.

Muitos não sabem lidar com pessoas que tem algum tipo de transtorno, síndrome ou deficiência. São pessoas que, como nós, têm os mesmos direitos, os mesmos sentimentos, os mesmos receios, os mesmos sonhos que precisam ser respeitadas e consideradas. Políticas públicas precisam garantir esse direito.

Visando a inclusão social, como resultado da Conferencia Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada entre 7 e 10 de junho de 1994, na cidade espanhola de Salamanca, criou-se a Declaração de Salamanca.

A Declaração de Salamanca (1994, p.1) é também considerada inovadora porque, conforme diz seu próprio texto “proporcionou uma oportunidade única de colocação da educação especial dentro da estrutura de “educação para todos.”

Na Declaração de Salamanca afirma-se que,

[...] escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (SALAMANCA, 1994, p. 1).

Além da Declaração de Salamanca, foi criada também a Lei 12.764/2012 (Brasil, 2012) que é fruto do projeto de lei do Senado Federal nº 168/2011, de sua Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, decorrente de sugestão legislativa

apresentada pela Associação em Defesa do Autista. Foi batizada de “Lei Berenice Piana”, em justa homenagem a uma mãe que, desde que recebeu o diagnóstico de seu filho, luta pelos direitos das pessoas com autismo. Com a Lei, fica assegurado o acesso a ações e serviços de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, a nutrição adequada e a terapia nutricional, os medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento. Da mesma forma, a pessoa com autismo terá assegurado o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, à moradia, ao mercado de trabalho e à previdência e assistência social.

2.1 HISTÓRICO DO AUTISMO

A palavra “autismo” deriva do grego “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo”. O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1908, pelo psiquiatra austríaco Eugen Bleuler para designar pessoas que tinham grande dificuldade para interagir com as demais e com muita tendência ao isolamento. Bleuler trabalhava principalmente com pessoas psicóticas e esquizofrênicas. Bleuler falava de autismo como um distúrbio da consciência no qual há desligamento parcial ou absoluto da pessoa em relação à realidade e a vida interior (STELZER, 2010).

A partir de 1980, foram surgindo novas tecnologias de estudo, as quais permitiam investigação mais minuciosa do funcionamento do cérebro da pessoa com exames como tomografia por emissão de pósitrons ou ressonância magnética.

Desde 1980, vem sendo descrito ou falado sobre o Autismo (TEA). O Autismo é uma condição que severamente compromete a capacidade de se comunicar com os outros, de perceber acontecimentos compartilhados, de expressar o que sente ou pensa nas mais diversas situações, de utilizar as palavras de acordo com o contexto, riso inapropriado, rotação de objetos, resistência em mudança de rotina, age como se estivesse surdo, excesso de raiva e estas características atrapalham gravemente o desenvolvimento global da criança. Se não bastasse, a presença de “manias”, posturas ou atos repetitivos. As características do autismo costumam aparecer durante os primeiros três anos da infância e mantêm-se durante toda a vida. A criança autista é indiferente aos outros, ela os ignora e não reage à afeição e ao contato físico (LEBOYER, MARION, 1935).

O autista se comporta mais frequentemente com se estivesse só, como se os outros não existissem. Mais ainda, as crianças autistas não procuram ser acariciadas e não esperam ser reconfortadas pelos pais quando têm dor ou medo. Às vezes, elas se interessam por uma parte do outro, sua mão, um detalhe do vestuário.

Além disso, no autismo na primeira infância existe inaptidão a brincar em grupo ou desenvolver laços de amizade. Os autistas mostram pouca emoção, pouca simpatia ou empatia por outra pessoa. À medida em que crescem (cerca de cinco ou seis anos) pode se desenvolver uma maior ligação. Mas as relações sociais permanecem superficiais e imaturas (LEBOYER, MARION, 1935).

Uma das maiores características clínicas do Autismo (TEA) é o evidente prejuízo da linguagem expressiva, mais especificamente, a fala.

Muitas destas crianças podem, após uma fase inicial de normalidade na aquisição da fala, sofrer regressões com redução do vocabulário, perda da fala de palavras anteriormente aprendidas, aparecimento de palavras sem significado e impróprios, repetições de termos sem necessidade e sem função social. Outros podem ter atraso severo de fala e, quando iniciam, começam a falar palavras mal articuladas, jargões, repetições de termos e evolução pobre do vocabulário. Além disto, existe uma parcela de crianças afetadas que jamais falarão devido o nível agravado do autismo (LEBOYER, MARION, 1935).

2.2 HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE

As primeiras pesquisas que dão origem ao campo psicomotor correspondem a um enfoque eminentemente neurológico.

A figura de Dupré, neuropsiquiatra, em 1909, é de fundamental importância para o âmbito psicomotor, visto que é ele quem afirma a independência da debilidade motora (antecedente do sintoma psicomotor) de um possível correlato neurológico.

Historicamente o termo "psicomotricidade" aparece a partir do discurso médico, mais precisamente neurológico, quando foi necessário, no início do século XIX, nomear as zonas do córtex cerebral situadas mais além das regiões motoras (JOBIM, ASSIS, 2008).

Com o desenvolvimento e as descobertas da neurofisiologia, começa a constatar-se que há diferentes disfunções graves sem que o cérebro esteja lesionado ou sem que a lesão esteja claramente localizada.

São descobertos distúrbios da atividade gestual, da atividade que se refere à ação. Portanto, o "esquema anátomo-clínico" que determinava para cada sintoma sua correspondente lesão focal já não podia explicar alguns fenômenos patológicos. É, justamente, a partir da necessidade médica de encontrar uma área que explique certos fenômenos clínicos que se nomeia, pela primeira vez, a palavra PSICOMOTRICIDADE, no ano de 1870 (JOBIM, ASSIS, 2008).

2.3 CONCEITOS DE PSICOMOTRICIDADE

Para Wallon (1925), a psicomotricidade é um dos elementos sociais na educação pedagógica, pois é, tanto ação como expressão, servindo de elo entre o sujeito e o meio ambiente. A evolução psicomotora está internamente ligada ao descobrimento das coisas, do espaço, do tempo, do mundo externo (JOBIM, ASSIS, 2008).

Em 1925, Henry Wallon, médico psicólogo, provavelmente o grande pioneiro da psicomotricidade, ocupa-se do movimento humano dando-lhe uma categoria fundante como instrumento na construção do psiquismo. Esta diferença permite a Wallon (1925) relacionar o movimento ao afeto, emoção, ao meio ambiente e aos hábitos do indivíduo. Para ele, o movimento é a única expressão, e o primeiro instrumento do psiquismo, e que o desenvolvimento psicológico da criança é o resultado da oposição e substituição de atividades que precedem umas as outras.

Através do conceito do esquema corporal, introduz, provavelmente, dados neurológicos nas suas concepções psicológicas, motivo esse que o distingue de outro grande personagem da psicologia, Piaget (1987), que muito influenciou também a teoria e prática da psicomotricidade. Wallon (1925) refere-se ao esquema corporal não como uma unidade biológica ou psíquica, mas como a construção, elemento de base para o desenvolvimento da personalidade da criança.

Ao contrário do pensamento da dualidade entre o corpo e a alma, Ajuriaguerra (1947) afirma que, a criança é seu corpo, como já dito, ela se desenvolve tendo a consciência sobre ele. É por meio de seu corpo que a criança expressa seus sentimentos, suas necessidades e suas emoções.

Para Jobim, Assis (2008, apud Ajuriaguerra, 1947),

[...] a evolução da criança é sinônimo de consciencialização e de conhecimento cada vez mais profundos do seu corpo, ou seja, do seu eu total. É com o corpo, diz-nos este autor, que a criança elabora todas as suas experiências vitais e organiza a sua personalidade única, total e evolutiva [...].

Piaget (1987) é reconhecido pelo seu trabalho de organizar o desenvolvimento cognitivo em estágios; seu estudo fora feito por meio da observação de crianças.

Na teoria de Piaget, o conhecimento é construído por cada sujeito na interação com seu ambiente. Dessa forma, procurou identificar como o homem constrói seu conhecimento, como ele o procura, organiza e assimila a seu estado anterior de conhecimento, ou seja, a gênese do conhecimento, defendendo então que as pessoas pas-

sariam por estágios de desenvolvimento. Isso aconteceria por meio do equilíbrio que se configura entre a assimilação e a acomodação, resultando em uma adaptação ao mundo exterior (JOBIM, ASSIS, 2008).

Segundo Piaget (1987), a inteligência seria o resultado dessa adaptação, nesse sentido seria por meio da experiência como ação que as pessoas passariam a transformar o mundo e a incorporá-lo, portanto pode-se afirmar que por meio da motricidade o indivíduo integra-se ao mundo exterior e o modifica, assim como a si próprio (FONSECA, 2008).

A motricidade na obra de Piaget tem papel de extrema importância na construção da imagem mental, ou seja, na questão da representação. Para a formação dessa representação é preciso que tenha acontecido a experiência vivida com o objeto, a ação direta com ele, ou seja, o movimento que se pratica transformando esse objeto por meio de processos sensório-motores.

No início, a Psicomotricidade tinha seus estudos voltados para a patologia. Wallon (1925), Piaget (1987) e Ajuriaguerra (1947) tiveram a preocupação de aprofundar esses estudos mais voltados para o campo do desenvolvimento. Wallon se preocupou com a relação psicomotora, afeto e emoção, Piaget se preocupou com a relação evolutiva da psicomotricidade com a inteligência e Ajuriaguerra, que vem consolidar as bases da evolução psicomotora, voltou sua atenção mais específica para o corpo em sua relação com o meio. Para ele, a evolução da criança está na conscientização do seu corpo. A teoria de Wallon possibilitou o início do pensamento psicomotor e a valorização do indivíduo de maneira integral, dando sugestões para muitos outros estudiosos que se apropriaram de seus conhecimentos e contribuíram para o desenvolvimento desse pensamento.

Efetivamente, ao dar-se uma estrutura cognitiva à ação e a motricidade, a inteligência tem de coordenar a ação, de forma a acomodar-se ao objeto ou ao real. A criança, acomodando-se ao real e aos objetos, conhece-os, simboliza-os e pode representá-los. Mais uma vez, a motricidade é a estrutura de troca e de relação que permitirá à criança assimilar e acomodar-se ao real e aos objetos. (JOBIM, ASSIS, 2008).

3 PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO

Quando se fala em Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que chama a atenção é a denominação 'espectro' que pode ser compreendida como sombra e, esta sombra representa tonalidades, o que explica a existência desde o autismo mais grave até o autismo mais leve, assim como existem diferentes graus de autismo com diferentes graus de problemas psicomotores.

De acordo com Brites,

[...] há crianças com autismo, por exemplo, que não apresentaram atraso para andar, mas outras podem apresentar atrasos gravíssimos. O importante é saber que não haverá uma alteração única, o TEA é um transtorno amplo e por isso poderá haver amplas alterações motoras (BRITES, 2016).

Na aprendizagem escolar, é por meio da Psicomotricidade que a criança descobre o seu corpo, seu espaço e o mundo à sua volta, assim como percebe estímulos por meio dos seus sentidos, sensações e sentimentos, o que resulta na construção de seu próprio mundo por meio das relações afetivas e emocionais, também resultado das próprias experiências corporais.

No ambiente escolarizado há diversos fatores que influenciam o desempenho das crianças, levando em consideração o grau de dificuldade de cada um. Na escola a criança interage com o outro, evoluindo em vários aspectos, tanto físico como intelectualmente.

Em relação ao ambiente, na escola podem-se obter dados mais precisos sobre comportamento da criança, visto que é o segundo local em que passam boa parte do tempo.

Devem-se considerar as características individuais, cada criança possui um desenvolvimento próprio, e este deve ser respeitado. Assim seus interesses e habilidades serão diferenciados de criança para criança.

Visando o lado afetivo, nota-se que a criança autista por característica própria é retraída. Por isso, o vínculo entre professor e aluno é necessário para que a criança se sinta a vontade com a pessoa que aplica as atividades. Caso esse vínculo não aconteça, a inibição e a recusa em participar serão dificuldades encontradas.

Outro fator importante que influencia o desenvolvimento da criança autista é a presença do adulto, que nesse período é fundamental para a saúde, higiene, alimenta-

ção e desenvolvimento emocional da criança, não só familiares como também professores podem influenciar na comunicação e imitação.

O adulto tem o papel de mediador das relações entre a criança autista e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, o que possibilita criar condições para que ela se constitua como indivíduo social.

O educador, embasado na teoria psicomotora, ao trabalhar com o aluno autista, pode também aplicar experiências de relaxamento, um laço que se estabelece entre o afeto e a representação, com o objetivo de estabelecer a retomada de distância na relação com o outro, passando da fusão à separação do corpo a corpo ao face a face (COIMBRA, 2008).

As atividades psicomotoras podem apresentar contribuições positivas em relação ao desenvolvimento de aspectos motores, afetivos e sociais referente ao desenvolvimento de pessoas com Transtorno Espectro Autista (TEA).

O que se tem visto é que crianças e jovens autistas apresentam alteração na coordenação motora desde muito cedo, causando atraso em seu desenvolvimento. A atividade psicomotora pode ser um possível auxiliador nesse aspecto, contribuindo não só para a evolução do aparelho motor, como também no seu estado emocional e estereotipia, dados comprovados em um estudo realizado por Mesquita (2015), foram apresentadas contribuições significativas. Nesse estudo, um aluno de 4 anos com autismo participou de aulas de psicomotricidade durante um período de 7 meses com frequência de 3 vezes semanais com duração de 40 minutos por aula. Após a intervenção houve um avanço significativo por parte do aluno onde apresentou uma pontuação condizente ao perfil psicomotor considerado normal para sua idade.

Outro estudo realizado por Pam (2010), um grupo de 16 alunos autistas e com síndrome de *asparger* participaram de um programa de atividades aquáticas durante 10 semanas. Como resultado, pode-se verificar uma melhora significativa em relação às atividades aquáticas desenvolvidas durante as aulas e uma redução significativa no comportamento antissocial.

Em um estudo realizado por Souza e Fachada (2012), crianças autistas foram submetidas a um programa de atividades esportivas, ações sociais e culturais, participando também de técnica de relaxamento, exercícios de psicomotricidade, jogos, dinâmicas, entre outros.

O estudo citado menciona que ao entrevistar 11 pais e responsáveis, sete deles (63%) afirmaram que obtiveram razoáveis ou muita melhora em relação os movimentos estereotipados de seus filhos; oito (62%) afirmaram ter notado razoável ou muita melhora na agressividade; dez (91%) afirmaram se comunicar melhor com seus filhos; e, dez (91%) perceberam seus filhos mais carinhosos.

Os estudos demonstraram contribuições importantes em relação aos aspectos motor, afetivo e emocional. Conclui-se que atividade psicomotora, quando bem elaborada e bem dirigida por um profissional qualificado pode trazer contribuições positivas para a criança. É importante que se estabeleça atividades adaptadas de acordo com o perfil psicomotor de cada criança.

Por esse motivo, a estimulação deve ser feita desde a primeira infância (entre 3 a 6 anos), fase dos movimentos fundamentais na qual eles se apresentam e precisam ser trabalhados.

De acordo com o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) (1998, volume III, p. 15), cita a importância do movimento na educação infantil:

[...] o movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo.

Dentro do Transtorno do Espectro Autista também existem comodidades (outros problemas relacionados), a criança com autismo também pode ter alterações motoras como é o caso do TDC (Transtornos do Desenvolvimento da Coordenação) que interferem não apenas na escrita, mas em organizações como correr ou qualquer outra organização que necessite de planejamento motor.

[...] autistas processam os estímulos ambientais de uma forma diferente e por isso é importante saber como trabalhar esses estímulos. Outras síndromes genéticas também apresentam alterações motoras junto com o autismo (BRITES, 2016).

A criança autista tem dificuldades de se apropriar de seu corpo, de entender de administrar seus sentimentos e emoções, refletindo conseqüentemente no seu desenvolvimento, assim por meio da psicomotricidade ela pode tocar, sentir seu corpo e se dar conta desta relação.

O autista não tem totalidade do seu corpo, que lhe parece fragmentado, o que torna mais difícil a integração do esquema corporal (ISCHKANIAN, 2014).

Resulta-se que, a partir da psicomotricidade a criança constrói seu esquema corporal, que irá trabalhar para propiciar a tomada de consciência da pessoa autista. Com isso, será possível um maior controle dos atos motores e a coordenação gestual do cotidiano, o que facilitará uma melhor relação com o meio em que vive e as pessoas que cercam.

É preciso um trabalho em que a criança possa viver e sentir seu corpo, tirando-as de estereótipos e incentivando-os a descobrir seu próprio movimento. O objetivo não é moldá-la, mas oferecer a criança instrumentos que estimulem o seu desenvolvimento através do prazer de viver seu corpo nas mais variáveis relações (COIMBRA, 2008).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do alcance deste estudo pôde-se perceber o quanto a psicomotricidade pode contribuir e favorecer no processo de ensino/aprendizagem, trazendo benefícios para o desenvolvimento pleno da criança autista.

Por meio do movimento, a criança atua no mundo, dispondo de suas capacidades afetivas, intelectuais e motoras, estabelecendo esta relação conforme sua condição que é construída diariamente de acordo com as limitações e estimulações que lhe são impostas pelo meio no qual está inserida. Partindo deste pressuposto, o movimento vai se tornando coordenado e complexo resultando em fonte de aprendizagem. Diante desta visão, as atividades motoras desempenham um papel importante nas iniciativas intelectuais.

Foi possível identificar que à medida que a escola proporciona uma mediação corporal para o aluno autista, este tem a possibilidade de vivenciar suas angústias e conseqüentemente, essas podem ser “amenizadas” ou “superadas”, como na terapia psicomotora.

Identificou-se ainda que a contribuição da psicomotricidade é muito importante, pois oferece uma ferramenta de grande valia para ajudar o aluno autista, transpor um pouco a barreira de comunicação entre ele e o mundo e com isto, reforça sua socialização na escola, dando suporte em seu processo de aprendizagem.

Face ao exposto, fica evidente que a psicomotricidade contribui no desenvolvimento da criança em todos os aspectos, biológico, cognitivo, motor, emocional e social contribuindo para o desenvolvimento global da criança.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI 12.764/2012. **Direitos da pessoa com transtorno do espectro autista.** Por Carlos Eduardo Rios do Amaral. 18 de abril de 2016. Disponível em: <<https://eduardoamaral74.jusbrasil.com.br/artigos/325861391/lei-12764-2012-direitos-da-pessoa-com-transtorno-do-espectro-autista>> Acesso em: 16 jun. 2017.

BRITES, Luciana. **O desenvolvimento do autista por meio da psicomotricidade.** mar. 2016. Disponível em: <<http://www.sare.com.br/saude-entrevista/desenvolvimen-to-do-autista-por-meio-da-psicomotricidade>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

COIMBRA, Valéria. **Psicomotricidade no trabalho com o aluno autista.** 30 julh. 2008. Disponível em: <http://clinicapsicanalise.blogspot.com.br/2008/07/psicomotricidade-no-trabalho-com-o.html>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

ISCHKANIAN, Simone Hellen Drumond. **Psicomotricidade e autismo trabalhando o corpo através da estimulação sensorial para a melhor qualidade de vida.** 2014. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/SimoneHelenDrumond/228psicomotricidade-e-autismo-trabalhando-o-corpo-atravs-da-estimulao-sensorial-para-a-melhor-qualidade-de-vida>> Acesso em: 16 jun. 2017.

JOBIM, Ana Paula; ASSIS, Ana Eleonora Sebrão. **Psicomotricidade: históricos e conceitos,** 2008.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil: fatos e modelos.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.

MESQUITA, H.; SERRANO, Petria, J.; BATISTA, M.; Almeida,D. **Efeitos da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro de autismo.** Revista de Ciencias del Deporte,11 (Supl.2), 131-132.(2015)

NADAL, Paula. **O que é o autismo?** Abr. 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/281/na-duvida-autismo-inclusao>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

SOUZA, G.;FACHADA, R. L. **Atividade física para crianças autistas**. Reconstruindo a base sócio-familiar. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, nº 173, Outubro 2012.

STELZER, F.G. **Uma pequena história do autismo**. Rio Grande do Sul: São Leopoldo, 2010.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.

Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 16 jun. 2017.

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 16 mar. 2017.